

## COP28 pode ser a mais importante até agora<sup>(1)</sup>

Michael R. Bloomberg<sup>(2)</sup>

Em um ano em que o clima clamou com uma ferocidade sem precedentes - com cada vez mais pessoas confrontando uma realidade diária de calor debilitante, incêndios florestais, inundações mortais e secas devastadoras - os parâmetros de referência a longo prazo que orientam as negociações climáticas globais nunca pareceram tão fúteis.

O foco da Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP28) deste ano não pode ser 2050 ou 2040 ou mesmo 2035. Deve estar no aqui e agora e deve produzir novas ações que reduzam drasticamente as emissões até 2030. Há muito alerta contra os horizontes temporais de décadas para os objetivos climáticos, porque eles servem como desculpas para atrasos perigosos e inércia.

Em primeiro lugar, a COP28 pode turbinar os esforços para substituir as centrais elétricas a carvão - a maior fonte de emissões globais de carbono - por energia limpa. Cerca de 70% das centrais elétricas alimentadas a carvão nos EUA foram desativadas desde 2011, e metade das centrais da Europa fecharam ou estão em vias de o fazer - esforços que a Bloomberg Philanthropies ajudou a liderar. Se aumentarmos rapidamente o investimento em energias renováveis - em especial no mundo em desenvolvimento, onde a demanda por energia deve aumentar rapidamente - este progresso pode se espalhar pelo mundo. E isso exigirá todas as formas de capital: público, privado e filantrópico.

Em segundo lugar, a COP28 deveria concentrar-se na redução drástica do desmatamento, o que teria um grande impacto imediato nos níveis de gases de efeito estufa. Países como o Brasil e a Indonésia já estão provando que isto pode ser feito rapidamente se houver vontade política. Graças à liderança ambiental do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a taxa de desmatamento no Brasil caiu mais de um terço num ano, e a Indonésia reduziu a sua taxa em mais de dois terços desde o Acordo de Paris. Agora é a hora de todas as nações se comprometerem a acabar com o desmatamento até 2030 - algo que exigirá maiores fluxos financeiros do mundo desenvolvido para o mundo em desenvolvimento.

Se os Emirados Árabes Unidos, um dos principais produtores mundiais de combustíveis fósseis, podem acabar com as emissões de metano no setor de petróleo e gás nesta década, os outros países também podem, e os EUA devem liderar esse processo

Finalmente, a terceira oportunidade para a COP deste ano é a maior de todas, embora receba pouca atenção: a redução das fugas de metano provenientes da produção de petróleo e gás. É também a área em que o consenso e o progresso podem ser alcançados de forma fácil.

O metano liberado hoje terá 85 vezes o poder de retenção de calor do dióxido de carbono nos próximos 20 anos, então é uma peça importante no quebra-cabeça climático. Vazamentos, ventilação e queima de metano de poços e oleodutos de

petróleo e gás em todo o mundo são responsáveis por aproximadamente o mesmo aquecimento que as emissões de toda a economia dos EUA.

A boa notícia é que as empresas de petróleo e gás têm fortes incentivos para ajudar a resolver este problema. Afinal, estão perdendo na atmosfera produtos que de outra forma poderiam ser vendidos no mercado - e os contribuintes também estão perdendo. Assim, a limpeza do metano do petróleo e do gás é um problema e uma oportunidade para todos na cadeia de abastecimento.

Nesta frente, as empresas petrolíferas de propriedade nacional são responsáveis por três quartos das emissões globais de metano - muito mais do que o setor privado. Portanto, é encorajador que um dos maiores proprietários dessas empresas, os Emirados Árabes Unidos, tenham se comprometido a atingir zero metano até 2030. A empresa nacional dos Emirados Árabes Unidos, Adnoc, é liderada por Sultan al-Jaber, que também atua como o presidente da COP28 e está pressionando outras nações a assumirem o mesmo compromisso.

Contudo, o estabelecimento de normas rigorosas de libertação de metano não é da responsabilidade apenas dos produtores de petróleo e gás. Os governos nacionais também devem exigir que os combustíveis que produzem, importam e consomem sejam certificados como emissões, vazamentos e libertações zero de metano. Para acelerar este processo e responsabilizar as nações pela conquista dos seus objetivos também precisamos de melhores dados e de muito mais transparência sobre onde ocorrem as emissões.

Todas as nações deveriam responder ao apelo do presidente da COP28 para acabar com as emissões de metano no setor de petróleo e gás nesta década. Se os Emirados Árabes, um dos principais produtores mundiais de combustíveis fósseis, podem fazê-lo, os outros também podem - e os EUA devem liderar esse processo.

A primeira White House Methane Summit, no início deste verão, foi um primeiro passo importante. E a Lei de Redução da Inflação (IRA) também pode desempenhar um papel central no progresso dos EUA, desde que não seja prejudicada por brechas na lei.

Embora a IRA imponha uma taxa sobre as emissões excessivas de metano provenientes das operações de petróleo e gás, a indústria está pressionando a Agência de Proteção Ambiental para isentar os pequenos poços, embora dados recentes mostrem que eles são responsáveis por metade das emissões dos campos de petróleo e gás. Isentá-los seria um erro. Para mitigar a carga financeira sobre os pequenos proprietários de poços, a administração poderia propor um crédito fiscal para o seu encerramento, pago por taxas sobre poços maiores.

Levar a sério os vazamentos de metano exigirão que os EUA liderem pelo exemplo - aqui em casa e na próxima COP - jogando todo o seu peso num novo esforço global para resolver o problema, incluindo as estatais de petróleo e gás.

Juntas, estas três oportunidades - acelerar o fim da energia alimentada a carvão, expandir dramaticamente os esforços de desmatamento e parar os vazamentos de metano - são tão urgentes quanto alcançáveis. Se elas se tornarem o foco das negociações climáticas globais - e se os EUA liderarem a resposta ao apelo do dr. Sultan para emissões quase nulas de metano -, a COP deste ano terá potencial para ser a mais importante de todas até agora.

(1) Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/cop28-pode-ser-a-mais-importante-ate-agora.ghtml>

Acessado em 20.11.2023

(2) Empresário, ex-prefeito da cidade de Nova York, Enviado especial do Secretário-Geral da ONU para  
Ambição e Soluções Climáticas